

Leopardi, poeta do infinito

MARCO LUCCHESI

I – DIAS FUTUROS

“Cada objeto amado é o centro de um paraíso” (Novalis, Pólen, frag. 50).

“A quantidade de ensaios críticos

em torno da obra de Giacomo Leopardi só pode ser equiparada com o renovado entusiasmo de seus leitores. Leopardi não é um homem de letras, mas um acontecimento. Como se cada geração de escritores – para encontrar o seu espaço no sistema literário italiano – se ocupasse em bem compreender o universo de Leopardi, de que todos dependem em maior ou menor grau. Da parte de seus leitores, nenhum outro poeta chegou a ser tão radicalmente amado quanto Leopardi. Um homem solitário diante de sua dolorosa solidão. A história de uma alma – como tantos disseram – em profundo desencanto. Mas quanta beleza, quanta harmonia, quanta altitude, naquele desencanto! Os seus poemas – apenas 41 – oferecem uma leitura espantosamente clara do mistério das coisas do mundo, da humana sorte e de sua estranha condição. Para Schopenhauer, ninguém chegou a tratar

MARCO LUCCHESI
é professor de Língua e
Literatura Italiana da UFRJ.

da miséria de nossa vida de modo tão profundo e encantador como Leopardi. Tal a força de “As Lembranças”, de “A Giesta”, ou de “O Infinito” (escrito aos 21 anos), mais impressionante do que o silêncio de Pascal. Quase um espasmo kantiano. E como esquecer “A Si mesmo”, “Amor e Morte”, ou “Safo”? Tudo isso pertence agora ao patrimônio da cultura ocidental. Sem as lágrimas de um Corazzini. Sem as flores de gelo de um Kierkegaard. Sem os violinos de um D’Annunzio. O fenômeno de sua poesia é todo intensidade. Chegamos a seus poemas com um misto de distância e adesão, solidariedade e tremor, assombro e admiração. Saímos da superfície e mergulhamos num plano abissal. Impossível não sermos tocados pela sua poesia. Impossível não sentirmos um grande entusiasmo. Tudo de forma suave e severa.

Dante Milano escreveu certa vez que a poesia de Leopardi exige uma leitura meditada, constituindo um desafio à facilidade. E que não seria jamais uma distração, mas um estudo profundo e uma emoção absorvente. Não nos ocorre uma síntese melhor. Leopardi não é o poeta do efeito. Da palavra fácil. Leopardi não procurava o Belo. A beleza de seus versos não depende singularmente de cada um, mas do mistério de seu conjunto, da estrutura que os engendra, do sentimento do mundo que empresta a cada verso a raiz de sua própria necessidade e concretude. Quando descobrirmos esse mistério, e seu incomparável coeficiente de solidão, quando avançar-

mos por esse caminho, largo e sinuoso e claro, quando nos dermos conta de seu moderado excesso, sem metáforas peregrinas e outros recursos, começaremos a entender por que Giacomo Leopardi é um acontecimento.

II – VARIAÇÕES PARA UM TEMA

“*Quidve malifuerat nobis non esse creatis?*”
(Lucrécio, *De rerum natura*, 5.174).

Profunda, comovente, perturbadora. A obra de Giacomo Leopardi ainda guarda muitos segredos. A espinha dorsal de sua poesia consiste num pessimismo denso e arraigado. Contudente e belo. Abismado na dor e na solidão, Leopardi criou uma língua nova, poderosa, helenizante, capaz de traduzir os matizes mais sutis do pensamento. Nietzsche, Pound e Calvino – conquanto diversos – apreciavam-no radicalmente. Entre nós – além de Machado, Rui e Carpeaux –, Pompéia foi um leitor congenial de sua obra. O incêndio no *Ateneu* e o fim do mundo nos *Opúsculos Moraes* parecem coincidir com os “planetas exorbitados de uma astronomia morta” e com os “sóis de ouro destronados e incinerados”. O já citado Dante Milano surpreendia nos versos leopardianos a “impressão de um mistério onipresente”. Da claridade lunar, talvez. Pura, difusa e glacial. Da noite metafísica. Quando a luz do nada brilha sobre o cosmos. Metafísica. Ou melhor: hiperfísica.

Tal sentimento não pertence apenas aos *Cantos*. Permeia toda a sua obra, chegando inclusive ao diário e às cartas, e demonstra a perfeita e comovente unidade de quanto escreveu. Diz Leopardi, na primavera de 1819: “É vã, é um nada esta minha dor, que num momento passará e se anulará, deixando-me num vazio universal”. Eis o que tematizam os *Opúsculos Morais*: a vanidade da vida e a caducidade das coisas. Antecede os últimos poemas, como “O Pôr-da-lua”, a prosa dos *Opúsculos* tem autonomia própria. Páginas admiráveis, aquelas. Cristalinas. Cortantes. Voltadas ao bem maior, ao não-ser. Absoluta aguarrás, que tanto e tanto impressionaria Cioran. Leopardi e Nietzsche (o da *Origem da Tragédia*) coincidem aqui. Quando o alemão reconhece, entre os homens, a triste herança do acaso, através de Sileno, que sabe que o melhor é morrer, e depressa. Em Leopardi, a infelicidade não poupa sequer os deuses. A vida imortal torna-se-lhes um fardo. Até mesmo “Quíron, que era um deus, com o decorrer do tempo entediou-se com a vida, pediu licença a Júpiter e morreu”. Fogem as sombras. Cessam as ilusões. Cheiro de abismo. Nietzscheano, ou quase.

A morte ocupa o centro das coisas. Invade o universo. Devora-o impiedosamente. E não deixa marcas. Onda universal, tudo naufraga. Fim do mundo. Dos homens. Dos deuses. “Cada parte do universo apressa-se, infatigavelmente, para a morte. Apenas um silêncio desnudo e uma altíssima quietude encherão o espaço imenso.” Quase uma conclusão schopenhaueriana. Um mundo de vias-lácteas e de sóis, que formam o nada, onde a vontade de viver é cega, irracional, e se desdobra sem finalidade (voluntas/noluntas), que quer por querer e para aumentar a insatisfação e a dor, segundo *O Mundo como Vontade e Representação*. Parece mesmo algo lucreciano (sem a harmonia da Alma Vênus) inspirando seu universo, como no “Cântico do Galo Silvestre”:

“Mortais, despertai. Não estais ainda livres da vida. Virá o tempo em que nenhuma força exterior, nenhum intrínseco movi-

mento vos resgatará da quietude e do sono, mas nela sempre e inesgotavelmente repousareis.”

Quando isso ocorrer, nada mais sendo exílio, um silêncio universal cobrirá todo o universo. Havendo universo. Quase um eterno retorno:

“Cada parte do universo apressa-se, infatigavelmente, para a morte com solicitude e celeridade admiráveis. Apenas o próprio planeta parece imune à decadência e ao declínio. Contudo, se no outono e no inverno mostra-se quase enfermo e velho, não menos, na nova estação, rejuvenesce sempre. Mas como os mortais no primeiro momento de cada dia readquirem uma parte da juventude, assim envelhecem todos os dias e finalmente se extinguem; igualmente o universo no princípio de cada ano renasce e nem por isso deixa de continuamente envelhecer. Tempo virá em que ele e a própria natureza se apagarão. Assim como de grandes reinos e impérios humanos com seus movimentos maravilhosos, famosíssimos em outros tempos, nada resta hoje, de indícios ou fama; o mesmo, do mundo inteiro, dos acontecimentos infinitos e das calamidades das coisas criadas, não restará um vestígio sequer. Apenas um silêncio nu e uma altíssima quietude encherão o espaço imenso [lembrando aqui partes de “O Infinito”]. Assim esse arcano admirável e espantoso da existência universal, antes de ser declarado ou compreendido, se extinguirá e perderá”.

Essa paisagem desolada nutre-se ainda da melhor poesia em prosa, que atravessa os *Opúsculos Morais*. Aquela vasta e apaixonada obra de que falava Bontempelli: entre observações de história e filologia, metafísica e psicologia, Leopardi cria num oceano opaco lúcidas ilhas de poesia, onde reconhecemos as ressonâncias do livro cinco de *De rerum natura (ibi si tristior incubuisset causa, darent late cladem magnasque ruinas)*. Páginas de uma altitude incomum. Quase esturricadas pelo fogo que as consome. Nada mais belo e terrível,

nada mais delicado e espantoso, nada mais dramático e ameno do que essas páginas irretocáveis.

III – PÁGINAS DE FOGO

“*The pale stars are gone!*” (Shelley, *Prometheus Unbound*, 4,1).

Leopardi é sem sombra de dúvida uma força da natureza. Antes de tudo, a sua impressionante, monumental, vastíssima erudição, que parece ultrapassar o conhecimento do quase imbatível filósofo Giambattista Vico, que Leopardi não desconheceu, enquanto leitor da *Ciência Nova*. Leopardi era mais sutil no manejo da filologia antiga. Superior no campo da etimologia. Absoluto na tradução. Ninguém menos do que o douto Niebuhr ficaria espantado com os seus conhecimentos. Diz Leopardi a Pietro Giordani:

“A erudição que o senhor diz ter encontrado nas notas ao ‘Hino a Netuno’ é na verdade muito vulgar; ocorre que as escrevi na Itália, mas na Alemanha ou Inglaterra seriam uma vergonha para mim. Por um bom tempo, persegui a erudição mais recôndita e peregrina, e dos 13 aos 17 anos enfronhei-me profundamente neste estudo, tanto que escrevi de seis a sete tomos volumosos sobre matérias eruditas (fadiga que me valeu a ruína), e um escritor estrangeiro – que está em Roma, mas que não conheço –, vendo alguns dos meus escritos, não os desaprovou, exortando-me a que eu me tornasse, dizia ele, um grande filólogo”.

Leopardi escrevia tratados volumosos, como o *Ensaio sobre os Erros Populares dos Antigos*, além de outros e tantos dedicados aos autores da Spätantike. Traduziu a *Batracomiomaquia*, do pseudo-Homero, a *Titanomaquia*, de Hesíodo, o segundo livro da *Eneida* e o primeiro da *Odisséia*, entre outros. Ainda na adolescência, fingiu ter descoberto “Duas Odes

de Anacreonte” (na versão grega) e um “Hino a Netuno”, do qual redigiu apenas a versão italiana. Nenhum grande filólogo chegou a duvidar da autenticidade daqueles textos, especialmente os de Anacreonte, tal a perfeição da língua grega. Seu domínio do hebraico e do alemão, do francês e do espanhol, do grego e do latim é deveras incomparável. Como Friedrich Hölderlin (em seus belíssimos metros pindáricos), Leopardi terá sido o último dos atenienses. Nenhum deles jamais conheceu a Grécia. O mundo dos deuses, todavia, parecia habitá-los. Leopardi admirava irreligiosamente a religião antiga. Como Nietzsche, Machiavelli, ou Fustel de Coulanges. E Hölderlin – tomado por “espíritos metafísicos” – sentia-se esmagado pela ira dos deuses em plena loucura. Leopardi – ao contrário –, quando escreve o poema “O Infinito”, vai naufragando num mundo sem homens ou deuses. Como já disse alguém, o naufrágio do poeta é sem espectador.

Anos de solidão radical e bárbara, Leopardi descreve a Giordani o estado físico e mental que o consome:

“Creio que senhor já saiba, mas espero que não tenha sentido, em que medida o pensamento possa crucificar e martirizar uma pessoa que fique à mercê e pense um tanto diversamente dos outros; quero dizer, quando a pessoa não tem qualquer divertimento ou distração, mas apenas o estudo, o qual, porque fixa e mantém a mente imóvel, prejudica mais do que ajuda. A mim o pensamento deu e continua dando, por períodos longuíssimos, esses martírios, e isso porque sempre me teve inteiramente à sua mercê (e, repito, sem nenhuma vontade minha), prejudicando-me a olhos vistos, e me matará se eu antes não mudar de condição. Tenha por muito certo que, estando como estou, não posso divertir-me mais do que faço – e não me divirto nada. Afinal, a solidão não foi feita para os que ardem e se consomem por si mesmos”.

Como vemos, a erudição leopordiana coincidia com a teoria de Vico: o primeiro passo é o da filologia (terreno firme na

acumulação do conhecimento). A erudição – conquanto necessária – devia servir para estabelecer analogias e sínteses, abstrações e comparações. Numa palavra, a filologia precisava estar redimensionada na filosofia. Tanto assim, que Leopardi passará por três fases marcantes em sua vida. Primeiro, o “estudo desvairado e desesperadíssimo”. Em seguida, a “conversão do erudito ao belo”. E, finalmente, a passagem “do belo ao verdadeiro”. Todas essas fases profundamente amalgamadas na sua altíssima poesia.

IV – TITANISMO E SOLIDÃO

“*La froide cruauté de ce soleil de glace*”
(Baudelaire, *De Profundis Clamavi*).

Anos a fio de estudo incessante entre os milhares de volumes da biblioteca paterna; uma vastíssima erudição e uma delicadíssima compleição física, eis o árduo e precoce legado que herdou de si mesmo. A cidade onde nasceu – “burgo selvagem” – era-lhe odiosa. Assim como o palácio em que vivia. Apenas a correspondência com Pietro Giordani (famoso escritor daquele tempo, que chegaria mesmo a visitá-lo em Recanati) era-lhe uma de suas poucas alegrias. Giordani teve o mérito de reconhecer no jovem Leopardi o gênio erudito e poético de que já dava mais do que mostrava, confirmando-lhe os seus anseios de glória. Um encontro histórico. Parecido apenas com aquele – literário, de que bem fala Curtius – entre Dante e Virgílio. Ou – em carne-e-osso – de Lou Salomé e Rilke. Ou de Benjamin e Scholem. Aquilo que Raïssa Maritain definiu como as *Grandes Amizades*. O Eu-Tu de Martin Buber, em sua teoria de Encontro. Um pouco de seu destino começava a confirmar-se. O primeiro amigo dava-lhe as boas-vindas ao mundo literário.

Leopardi, contudo, já em 1819, sente a saúde gravemente ameaçada. Chega a perder a visão por um longo período. Não podia

ler e não suportava nem o seu doloroso estado, nem a vida em família. Planeja, então, a fuga do palácio, que será de pronto frustrada. Ainda se conserva a carta endereçada ao pai (dolorosa e terrível como a que escreveu Kafka):

“O senhor conhecia ainda a miserabilíssima vida que eu levava, com as horríveis melancolias e tormentos de toda a espécie, advindos de minha estranha imaginação, e não podia ignorar o que era mais que evidente, ou seja, que a isto, e à minha saúde que se ressentia visivelmente de todas estas coisas, que sofria desde que se formou em mim esta compleição miserável, não havia outro remédio senão poderosas distrações – tudo aquilo que em Recanati eu jamais poderia encontrar. Contudo, o senhor deixava por anos e anos um homem do meu caráter consumindo-se em estudos mortíferos ou enterrando-se no mais profundo tédio e, por conseguinte, na melancolia, derivada da necessária solidão e da vida ociosa, mormente nos últimos meses”.

A partir desse período, o pessimismo histórico de Leopardi adquire dimensões cósmicas (embora seja sempre complexo usar o conceito de pessimismo sem compreender-lhe o heróico estoicismo). A chamada crise de 1819 ia determinando a direção da sensibilidade e do sistema do jovem poeta. As esperanças todas se mostravam vãs, impossíveis. Caem todos os véus. A natureza assume a condição de madrastra, criando miragens e ilusões. Promessas jamais cumpridas, eis como termina o poema “À Sílvia”:

“Também desfez-se em mim
Há pouco o doce anseio: à minha idade
Negou-me o fado mesmo
A juventude. Ai como,
Como passaste a esmo,
Ó cara amiga dos meus tenros anos!
Lacrimosa esperança!
Aquele mundo é isto? Onde os entes
Diletos, puro amor, obras, assuntos
Sobre os quais cogitamos juntos?
Este é o destino das humanas gentes?”

Tudo agora vai-se tornando grave. O Grande-Negador começa a reger o universo leopardiiano. Sem o desespero de Kierkegaard ou a compaixão de Schopenhauer. Apenas um rastro de solidão universal. A natureza perde seu valor positivo (como no primeiro Hölderlin, ou em Shelley) e adquire a sua marca anti-humana. Não é mais o homem que se afastou da natureza, causando a sua própria infelicidade, como escrevera Leopardi inicialmente. Ao contrário: vemos a face terrível – até então desconhecida – de um universo hostil e indiferente ao homem. Que mais pode desejar um Torquato Tasso – na prisão – a não ser sonhar com a amada. Melhor a imagem do que a vida. A felicidade não existe agora. Dela parecemos estar lembrados. Ou então a desejamos. Possuí-la é a nossa impossibilidade. Desejamos o que não podemos alcançar. Tudo isso aparece em “As Lembranças”. Mas de tal modo alto e solene, desprovido de qualquer desbordamento, numa admirável contenção clássica, que bem se coaduna com a melancolia de um Petrarca. Tudo aqui é grave. Nenhum desespero. Nenhuma compaixão. Tudo é exílio:

“Vagas estrelas da Ursa, eu não contava
 Voltar ao hábito de vos olhar
 Sobre o pátrio jardim esplendoroso
 E conversar convosco das janelas
 Deste refúgio onde morei menino
 E vi o fim de minhas alegrias.
 Então, quantas imagens, quantas fábulas
 Suscitou-me na mente o aspecto vosso
 E das vossas luzentes companheiras!
 Sentado, mudo, sobre a grama verde
 Eu passava das noites grande parte
 A contemplar o céu, a ouvir o canto
 Da rã remotamente na planície!
 E o pirilampo errava pelas sebes,
 Pelos canteiros, sussurrando ao vento
 Os ciprestes e aléias perfumadas
 Lá na floresta; e sob o pátrio teto
 Ouviam-se as conversas dos criados
 Em seu calmo labor. Que pensamentos
 Vastos, que doces sonhos deu-me a vista
 Do mar ao longe e os azulados montes
 Que daqui vejo e que transpor um dia

Eu pensava, a fingir no meu viver
 Arcanos mundos e ventura arcana!
 Ignaro do meu fado, e quantas vezes
 Esta dóida e nua vida minha
 Não teria eu trocado pela morte”.

A rara beleza das vagas estrelas da Ursa (caras também a Dante) e a delicada descrição dos arredores (lembrando Eichendorf) fizeram desse poema um dos clássicos da literatura italiana. Ainda que, como no poema anterior, “As Lembranças”, se movam em busca de um tempo definitivamente perdido, a diferença é que não existe aqui um centro unificador da memória (provocado pela morte de Sílvia), mas uma estrutura aberta, obedecendo ao fluxo arcano da memória, em que cada fragmento de recordação atrai, por sua vez, outros belos e dolorosos fragmentos. Um mundo de promessas jamais cumpridas. O sono e a ilusão representam pequenas mortes para que possamos continuar vivendo. A dor, a lembrança, o amor e a glória fazem parte da infinita vanidade de tudo, como Leopardi escreveu em “A Si Mesmo”:

“Enfim repousas sempre
 Meu lasso coração. Findo é o engano
 Que perpétuo julguei. Findou. Bem sinto
 Que em nós dos caros erros
 Mais que a esperança, o próprio anelo é
 [extinto.
 Repousa sempre. Muito
 Palpitaste. Nenhuma coisa vale
 Teus impulsos, nem digna é de suspiros
 A terra. Nojo e tédio
 É a vida, nada mais, e lama é o mundo.
 Repousa. E desespera
 A última vez. À nossa espécie o fado
 Não deu mais que o morrer. Enfim
 [despreza
 A natureza, o rudo
 Poder que, oculto, o comum dano gera
 E a vacuidade sem final de tudo.”

Leopardi toca novamente o sublime. O ritmo sincopado, os *enjambements*, os arcaísmos, os versos peremptórios e absolutos, a formidável força de sentimento e a clareza de expressão. Quase o limbo



O poeta
Giacomo
Leopardi

dantesco onde todos se encontram suspensos por um desejo sem esperança. Quase o *Eclesiastes*. Tudo agora torna-se mais drástico. O desejo é fíndo. A esperança é falta. Nem céu ou inferno. Deus ou Demônio. Apenas a negação. E a vanidade das coisas espelhando a natureza cruel, enquanto prepara a destruição da vida. Que mais legou-nos o fado além da morte?

O que mais impressiona em Leopardi é exatamente aquilo que De Sanctis observou em seu artigo “Leopardi e Schopenhauer”: uma espécie de inversão entre o sentimento do texto e o sentimento do leitor:

“Porque Leopardi produz o efeito contrário a que se propõe. Não acredita no progresso, e faz com que o deseje; não acredita na liberdade, e faz com que a ame. Considera ilusões o amor, a glória, a virtude, e acende em teu coração um desejo incessante. É cético e te faz crente. Tem um conceito tão baixo da humanidade, e a sua alma alta, delicada e pura acaba por honrá-la e enobrecê-la”.

Seria talvez o vitalismo (ou titanismo) capaz de poder explicar essa estranha e

apaixonada inversão detectada por De Sanctis? Até que ponto poder-se-ia passar da anulação da vontade (*noluntas*) à vontade de poder (*Wille zur Kraft*)? Quais forças poderiam ter destruído a própria vida?

V – SÓCRATES E A MÚSICA

“*La luce del crepuscolo si attenua*” (Dino Campana, *Il Canto della Tenebra*).

Numa carta datada de 1874, Hans von Bülow, escritor e pianista, convidava Nietzsche a traduzir a prosa do grande irmão romântico de Arthur Schopenhauer, Giacomo Leopardi. Dizia-lhe precisar de um pensador que lhe fosse próximo e afim (*Nach-und-Mit-Denker*). Nietzsche – embora creditando a Leopardi enorme admiração – declina do convite, por não dominar de todo a língua italiana. Conhecia-o em tradução e sentia-lhe o peso da existência (*Schmerzhaftigkeit*). Com o tempo, Nietzsche começa a freqüentar cada vez mais a sua obra, chegando a adaptar alguns de seus versos (como o do “Infinito”: “e o naufragar me é doce neste mar”, assim traduzido: “*Schön in diesem Meer zu scheitern*”, ou ainda “*ander Unendlichkeit zu scheitern*”). Coube a Antimo Neri demonstrar os elementos de contato entre os interminados espaços de Leopardi e o eterno retorno de Nietzsche. Além de Antimo Neri, não é difícil constatar outras e mais intensas redes que os unem drasticamente.

Como é sabido, para Nietzsche o fim do mundo antigo ocorre com o binômio Sócrates-Eurípides, e seus terríveis processos de dissecação e conceituação, maiêutica e ironia, que deflagraram o término de uma síntese anterior a Homero. O sonho de Sócrates, para que ele próprio se exercitasse na música (na arte e não apenas na razão), deu-lhe a entender — poucas horas antes de sua morte — a vanidade de seu projeto, onde apenas e exclusivamente a razão, a luz de Apolo, excluía as sombras poderosas de Dionísio. Eis a diferença que

separava o coro de Ésquilo do coro de Eurípides, o mito do *logos* (como disse Vernant). Em seguida, o cristianismo representava o segundo grande golpe dentro daquela idade de ouro, definitivamente perdida. Tais os princípios de uma vida anódina e cruel: os evangelhos ensinando o desprezo desta vida (a única vida de que dispomos) e de sua conseqüente destruição. Tratava-se da negação das forças vitais, telúricas e heróicas. Passávamos ao domínio da melancolia a sonhar com um mundo distante e perfeito, em contraste com este vale de aflição e tormentos. Entre Nietzsche e Leopardi a diferença é que, para este, a genealogia de um Ocidente desfibrado começava a partir de Platão (como podemos ler no “Diálogo de Plotino e Porfírio”), daquela constante remissão para um mundo que se encontrava além do mundo, infinitamente melhor do que este. A religião cristã, com sua herança neoplatônica, seguiria completando esse adeus à vida heróica dos antigos. A imortalidade da alma, o seu maior crime:

“O cristianismo constitui um misto de aliado e de adversário da civilização, de civilização e barbárie; efeito do processo civilizatório e inimigo de seus progressos: 1 – como o são todas as crenças, etc., que imobilizam o espírito humano e o impedem de progredir, conforme têm sempre feito as teorias, conquanto derivadas de doutrina e cultura notáveis; 2 – como é natural a um condenado, a um fruto da civilização dissoluta, antes, corrompida. O cristianismo, na sua perfeição (e a natureza, a propriedade, o efeito das coisas são considerados em sua perfeição, não em estado imperfeito, isto é, não como devem ser), é incompatível, não só com os progressos da civilização, mas com a subsistência do mundo e da vida humana. Como é possível que aquele que tem a si mesmo como um nada, etc., e que anela sua própria destruição dure? O homem não deveria compreender, pela razão, que as coisas não valem nada e são infelicíssimas. Ele fora destinado a elas. Nesse sentido, não deveria, portanto,

aprendê-lo pela religião. Tê-lo aprendido destruiria a vida, se o homem seguisse fiel e precisamente os ditames e o espírito da religião. Consideremos o cristianismo em seu fervor primitivo, quando todos anelavam a virgindade, quando três quartos do ano eram passados em oração, nos templos, em vigílias, em penitências excessivas, etc., e indaguemos: se o cristianismo não se tivesse corrompido ou enfraquecido, quanto teria podido fisicamente durar? Mas aquela era contudo sua perfeição e seu estado primitivo e puro. O mundo não pode subsistir se não tem a si mesmo por fim. Todas as coisas estão dispostas de tal forma que, quanto a si próprias, não visam senão a si mesmas. O homem deveria apenas visar não só aos outros ou a si mesmo neste mundo, mas a um mundo inteiramente diverso e considerar-se como fora deste. Como, portanto, poderiam durar a espécie e a vida humanas, contra os ensinamentos da natureza e a ordem geral e particular de todos os outros seres?”

Escrito em 1821, este texto, tão parecido com o de Nietzsche, é da autoria de Leopardi. Quase a mesma chama do *Anticristo*. Mais silencioso, talvez, e não menos contundente, porque silencioso. Esse impressionante julgamento – em parte deduzido das reflexões de um Machiavelli – permaneceu quieto em seu diário (no *Zibaldone*). Passada a crise de 1819, Leopardi jamais trilhou um caminho de conversão e ascetismo. Voltou-se corajosamente para um irreversível materialismo.

Interessante será ainda ouvir Nietzsche, tratando – anos mais tarde e com iconoclasmo da filosofia do martelo – do mesmo tema:

“Chama-se ao cristianismo religião de piedade. A piedade está em oposição com os afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento vital; opera de uma maneira depressiva. Quando uma pessoa se compece, perde força. Pela piedade, aumenta e multiplica-se ainda mais a perda de força que o sofrimento já ocasiona à vida. O

sofrimento mesmo chega a ser contagioso pela piedade; em determinados casos pode acarretar uma perda total de vida e energia vital”.

Claro está que outros componentes – como o darwinismo e a vontade, deslocada de Schopenhauer e reinterpretada com valor positivo – separam capilarmente Nietzsche de Leopardi. Mas é na vontade de poder que as afinidades poderiam ser buscadas. De que maneira, a não ser por denegação (*Verneinung*), poder-se-ia vincular o vitalismo ao pessimismo? Basta percorrer as páginas do *Zibaldone* para encontrar uma de suas palavras mais recorrentes, as esperanças mortas. Tudo que ficou para trás. Uma anatomia (*post litteram*) da esperança. Mil astros incinerados. É a estranha luminosidade promanando de cada fragmento. Este seria — para Nietzsche — o começo do meio-dia.

VI – MENSAGEM FUTURA

“*Al the night in woe*” (Blake, *The Little Girl Found*).

Quando – e principalmente por mérito de Carducci – foram publicadas as 4.526 páginas do diário de Leopardi (1890-1900), houve uma grande comoção por parte da crítica, que começava a descortinar um formidável território investigativo. Era preciso mapear esse mundo complexo e aparentemente desornado. Como quem entrasse num continente desconhecido (ou quase) que se intitulava *Zibaldone*. Tratava-se de uma densa floresta – como diria Bernardes –, que abrigava fragmentos de futuros poemas, observações de ordem moral e afetiva, meditações metafísicas, inscrições literárias, máximas e provérbios, estudos de filologia e retórica, além de pequenas e flutuantes cosmologias. Esse belo e estranho diário (que do caos devia engendrar uma obra de arte, quase a estrela de Nietzsche) começou a ser redi-

gido em 1817, sendo interrompido apenas em 1832, sem que dele jamais se afastasse o próprio autor. Nada parecido com o *Diário* de Amiel ou com o *Dicionário* de Voltaire. Era algo novo que desconhecia precedentes.

Tanto assim que o *Zibaldone* ainda hoje não comparece de todo integrado ao universo da crítica leopardiana, apesar dos esforços de um Solmi, de um De Robertis ou de um Pacella. As dificuldades de compreender uma estrutura dinâmica de pensamento – que atravessa cada página daquele diário – pareceram intransponíveis. Houve mesmo quem decidisse ignorar o *Zibaldone*, como se fosse desprovido de inteligência interna, quase uma simples coleção de fragmentos. Ou – quando muito – recorria-se ao *Zibaldone* para retirar-lhe esta ou aquela passagem que mais se adequasse aos *Cantos* ou aos *Opúsculos*. Tem razão Cesare Luporini ao afirmar que um estudo sistemático do pensamento leopardiano seja ainda prematuro. Será preciso conhecer melhor este território, segundo uma perspectiva geral e articulada, minuciosa e flexível. Nessa direção tem avançado a crítica.

Dentre as muitas surpresas do *Zibaldone*, De Robertis sublinhou uma surpreendente observação de Leopardi, quando voltava (após um silêncio demorado) a escrever os grandes Idílios: “A privação de todas as esperanças acabou por apagar pouco a pouco dentro de mim quase todo o desejo. Agora, mudadas as circunstâncias, ao ressurgir a esperança, eu me encontro na estranha situação de ter mais esperanças do que desejos”. Um impressentido raio de sol. Mas é claro que não estamos sugerindo uma leitura otimista daquele universo. Nem tampouco desejamos inserir um princípio-esperança do avesso. Podemos constatar, entretanto, o resplendor de sua vontade. Esse quase meio-dia que marca a sua derradeira ilusão. Esse entusiasmo que nasce do concerto literário.

Algumas vezes, o *Zibaldone* se parece com uma terra devastada, entre os tantos projetos desenhados, mencionados e abandonados. Quase um ano antes da citação

anterior, encontramos um desses projetos. Chegamos apenas ao título. Anota Leopardi: “Isto pode servir para a *Carta para um Jovem do Século XX*”. Como seria esta carta, é impossível descobrir. Sabemos que o *Zibaldone* está de algum modo endereçado ao nosso tempo. Não por uma atualidade de permanência, mas por uma atualidade de resistência. O mesmo quadro de luz e o mesmo quadro de sombras parece subjugar o nosso destino. E o cuidado de Leopardi com o seu diário

permite-nos supor que ele imaginava uma audiência futura. E que – talvez – a mensagem maior de nosso remetente pudesse estar circunscrita ao modo de quem viveu radicalmente a solidão e a literatura, com uma generosidade tanto mais rara quanto mais solidária. E que o jovem do século XX – mais contemporâneo do que seus próprios contemporâneos – pudesse compreender e amar alguém que escolheu a literatura como princípio e ação. Talvez aqui, o meio-dia.
